

## Editorial

---

Com grande satisfação e alegria o corpo editorial de “**Em Tempo de Histórias**” publica mais um número de nossa revista eletrônica, o número 32. Essa edição contém 6 artigos de temática livre, uma resenha e uma nota de pesquisa.

Primeiramente, em “*A Política Imigratória Brasileira na Revista de Imigração e Colonização (1940-1945)*”, Jesiane Debastiani analisa a política imigratória brasileira defendida nas páginas da Revista de Imigração e Colonização no período de 1940 a 1945, período de conflito mundial, e por consequência, de novas ondas migratórias. Criada em 1940, a Revista de Imigração e Colonização, órgão oficial do Conselho de Imigração e Colonização, se tornou um dos principais veículos relacionados à divulgação e discussão da política imigratória desenvolvida pelo governo de Getúlio Vargas entre os anos de 1940 a 1945. Neste sentido, a autora apresenta as linhas mestras desta política, caracterizada pela seleção e restrição do imigrante, os considerando em desejável e indesejável.

Em seguida, Elton Flaubert de Figueiredo em “*As ideias se esvoaçavam em meio à sua marcha: o Brasil submetido à ‘intuição crítica moderna’ de Sílvio Romero (1865-1885)*” analisa a obra de Sílvio Romero, desde a sua recepção às suas repercussões no pensamento social brasileiro. Isso porque no ocaso do Império, o jovem intelectual Sílvio Romero pretendia interpretar o país – e sua formação – a partir das novas vogas filosóficas vindas da Europa (positivismo, evolucionismo, etc.), a que ele identificava de “intuição crítica moderna”. Entusiasmado com a Segunda Revolução Industrial e com as ideologias do progresso que vinham de fora, Romero advogava a inexistência de universais. Toda época tinha sua verdade relativa, e ela iria se sucedendo evolutivamente em direção ao progresso. Ele interpretava a formação do país a partir de um tripé: a raça miscigenada, o meio e a cultura. O elemento modificador que poderia “consertar” os outros dois seria a cultura. Por isto, o pensamento brasileiro e a sua elite letrada deveriam ser orientados de acordo com a “intuição crítica moderna”, colocando o país no rumo do progresso. Neste período, entre 1865 e 1885, a sua obra

sedimentou os seus alicerces, destacando-se em sua passagem no Recife pela proximidade com Tobias Barreto e pela luta contra o romantismo e a metafísica na busca pelo entendimento científico dos estudos sociais.

Matheus de Andrade Gomes, por sua vez, em *“Discurso ou revólver? Tá na hora da revolução? Diálogos anticoloniais e antirracistas entre o grupo de rap Facção Central, Achille Mbembe e Frantz Fanon”*, analisa as representações contidas no álbum *A marcha fúnebre prossegue*, do grupo de rap paulista Facção Central, em debate com pensadores anticoloniais e antirracistas, como Achille Mbembe e Frantz Fanon, bem como seus pensamentos sobre a colonialidade e uma forma de produzir uma revolução nas realidades que afligem a população negra e pobre. Nesta perspectiva, a partir deste diálogo, o autor busca compreender o período pós-colonial brasileiro, focado nas continuidades que persistem, assim como nas violências e segregações de nossa sociedade, na qual a principal afetada pelas mortes é a juventude masculina, entre os 15 e 29 anos, predominantemente negra e moradora das periferias de São Paulo e pelo Brasil, de onde saíram os integrantes do grupo.

Em *“Alexandre Magno: um conquistador de seu próprio tempo”*, Danilo Bernardino apresenta uma nova interpretação de Alexandre, o rei dos macedônicos. Tendo adotado uma relativa variedade de costumes persas, tais quais insígnias e trajes, e promovido ações como a integração de todo um contingente persa ao exército macedônico, parte da literatura especializada criou uma imagem idealizada do rei Alexandre. Sob essa perspectiva, personificada em figuras como a de Droysen (1833) e, em seguida, de Tarn (1933), Alexandre teria a clara e nobre intenção mediante a sua expedição ao Oeste asiático de unir greco-macedônios e persas em uma mesma e original sociedade a partir de uma perspectiva conciliadora, quase aos moldes democráticos modernos. Ao contrário dessa leitura, o autor apresenta uma alternativa que vai de encontro com essa já antiga tese, isto é, de que a fundação por Alexandre de uma nova monarquia pessoal apenas foi possível graças à uma antiga cultura política de criação de impérios universais oriunda desse mesmo Oeste asiático, fundada pelo grande Império neo assírio e perpetuado pelo império neo Babilônico e Aquemênida. Dessa maneira, coloca-se em perspectiva as conquistas macedônicas e o idealismo do rei macedônio, de modo a refutar uma inspiração individual de união dos povos oriunda da Grécia.

Em seguida, Alexandre Assis Tomporoski, em *“Operários no Contestado: um estudo sobre os momentos de organização e luta dos trabalhadores da Lumber Company, 1917-1919”*, investiga algumas das primeiras greves deflagradas na região do Contestado, no planalto

catarinense, paralelamente à ampliação do movimento operário nacional, no contexto de 1917 a 1919. As greves originaram-se na *Lumber Company*, madeireira e colonizadora norte-americana, cuja atuação na região – mediante a expulsão de posseiros e através de uma política despótica em relação à população local – contribuiu decisivamente para a eclosão do Movimento Sertanejo do Contestado (1912-1916). Apenas sete meses após o término dos combates, o primeiro movimento grevista irrompeu na companhia, localizada no município de Três Barras. Para isso, o texto ampara-se no enfoque proposto por Edward P. Thompson, no âmbito da História Social Inglesa. A partir das concepções thompsonianas subjacentes, o artigo considera pesquisas realizadas a fontes de natureza jornalística, principalmente da imprensa operária, o que propiciou a análise dos processos relacionados à deflagração de duas greves na *Lumber Company*, respectivamente nos anos de 1917 e 1919. Os resultados obtidos apontam para uma intensa mobilização dos trabalhadores da *Lumber Company*, os quais possuíam conexões com outros grupos de trabalhadores, fato que comprova sua articulação em nível nacional. Neste sentido, na região do Contestado, as estratégias de resistência e luta dos mais pobres continuaram em vigência mesmo após o término do movimento sertanejo, apresentando-se na forma de greves e mobilizações operárias, depreendendo-se que compuseram um conjunto mais amplo de mobilizações, devidamente articuladas, que adquiriram relevância nacional no período de 1917 a 1919.

Por fim, no artigo de Denilson de Cássio Silva, “*Pacifismo, educação e dimensões políticas na América Latina: Cecília Meireles em diálogo com Alfonso Reyes (Rio de Janeiro, década de 1930)*”, apresenta-se uma análise das ideias em torno da questão da guerra e da paz, discutidas pela poetisa e jornalista carioca, Cecília Meireles, e Alfonso Reyes, embaixador do México no Brasil de 1930 a 1936. Tendo como principais fontes exemplares do *Diário de Notícias*, demonstra-se que ambos os intelectuais defenderam um pacifismo ativo, de tônica universalista, com base na valorização de uma educação nova e do protagonismo da América Latina.

Além dos artigos de temática livre, apresentamos uma resenha do livro do sociólogo William Outhwaite, “*Teoria social: um guia para entender a sociedade contemporânea*”. Nesta resenha, Régia Vidal Santos destaca que para além de proporcionar uma viagem panorâmica pelos tópicos que interessam à teoria social e uma breve abordagem das análises realizadas pelos seus principais pensadores, nesse livro pode-se avaliar o papel da teoria social e sua possibilidade de iluminar, em conjunto com as ciências sociais e a filosofia, questões

latentes no século XXI. Considera-se que, em um cenário contraditório, de aumento de pobreza, desemprego e exclusão, de violência urbana e de inquestionável expectativa de pertencimento ao mundo, tem-se como escolha a negação de condicionamento ao existente. Nesse sentido, o conhecimento que advém desse livro pode ser uma excelente contribuição para instigar reflexões sobre e ações direcionadas às possibilidades de construção de um “novo modelo civilizatório, em que a cidadania, a ética, a justiça e a igualdade social sejam imperativos, prioritários e inegociáveis”.

Por fim, publicamos como nota de pesquisa o texto “*Educação no Brasil e o ensino de História*”, de Daniela Teles da Silva. Neste trabalho é realizada uma análise da evolução do ensino de História no Brasil. Para tal, é apresentada a história da educação no Brasil com foco principal na disciplina de História. O objetivo da autora é o de compreender e comparar a evolução do ensino com o surgimento da História enquanto disciplina. Portanto, realizou-se uma contextualização histórica que mostra a evolução do ensino de História de acordo com as diferentes fases da educação no país. Com isso, buscou-se compreender a função da disciplina de História e destacar sua importância em sala de aula de modo a construir conhecimento, formar consciência histórica e crítica da sociedade.

Por fim, nós, da equipe editorial, agradecemos a colaboração de nossos colegas historiadores e historiadoras e desejamos a todos uma boa leitura, reflexiva, crítica e prazerosa. Afinal de contas, são tempos de histórias.

Rafael Nascimento Gomes  
Conselho Editorial